

# O PAPEL DAS VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS NA REALIZAÇÃO DO RÓTICO EM FALANTES DE REGIÕES DE IMIGRAÇÃO ALEMÃ

*The role of language in accent variables was performed in German immigration regions of Speakers*

Ana Paula Rigatti-Scherer<sup>1</sup>

## RESUMO

Este artigo relata a pesquisa da produção do rótico em *onset* de crianças que sofrem influência dialetal alemã, e de adultos bilíngues português-alemão. Partindo-se da suposição de que o tepe seria muito frequente na amostra, pretendeu-se investigar por meio do modelo de regra variável o papel das variáveis linguísticas no uso do tipo de rótico preferido nessas comunidades. Constatou-se que o tepe é de uso geral no *onset*, manifestando-se como uma característica dialetal desses grupos geográficos de base alemã.

**Palavras-chave:** Rótico. Dialetos alemão. Bilinguismo.

## ABSTRACT

This research describes the pronunciation of rhotic in the onset of children that receive German dialect influence and Portuguese-German bilingual adults. The supposition is that tap is very common in this sample. Its purpose is to investigate the role of linguistics variables for rhotics through the Variable Rule. In conclusion, the tap in the onset is a dialectal characteristic in these groups.

**Keywords:** Rhotic. German dialect. Bilinguism.

## 1 INTRODUÇÃO

Dentre os fonemas, as líquidas não-laterais, conhecidas também como róticos, sempre foram consideradas interessantes objetos de estudo, pois possuem uma extensa gama de variações se observadas em diferentes dialetos. Essas variações não intrigam somente pesquisadores da área linguística, mas também profissionais ligados à

<sup>1</sup> Mestre e Doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), onde realizou seus estudos de pós-doutorado. Atualmente é fonoaudióloga da Prefeitura Municipal de Guaíba e desenvolve trabalhos na área de alfabetização com professores da rede municipal. E-mail: [anafono@pop.com.br](mailto:anafono@pop.com.br)

comunicação, dentre eles, o fonoaudiólogo, que observa em seu consultório crianças e adultos com diferentes formas de pronúncia desse fonema.

Vários estudos sobre o rótico foram realizados em variação e aquisição fonológica por estudiosos da área de Letras e de Fonoaudiologia. Dentre esses trabalhos, a pesquisa de Ramos e Rigatti (2000), que verificou o comportamento dos róticos na fala de crianças descendentes de alemães e italianos, apresenta dados que motivaram o início de um novo estudo que pudesse oferecer maiores informações a respeito da realização do rótico em comunidades que sofrem influência dialetal. A pesquisa das autoras verificou um grande número de realizações do tepe em posição de *onset*, a qual é destinada à vibrante, definido por Mattoso Câmara Jr. (1969), como batidas da língua junto à arcada superior, ou vibração do dorso da língua junto ao véu palatino, ou tremulação da úvula, ou ainda fricções de ar na parte superior da faringe, mas raramente um 'r' brando (utilização do ápice da língua). O uso do tepe nessa posição questiona, portanto, a possível influência dialetal.

Assim o presente trabalho pretende analisar, por meio do modelo de regra variável (LABOV, 1966), os aspectos linguísticos envolvidos no comportamento do rótico em posição de *onset*, em crianças e adultos de regiões de colonização alemã do Rio Grande do Sul (município de Panambi) e Santa Catarina (município de Luzerna). Essa análise poderá contribuir tanto para a descrição dos dados do Português Brasileiro do Sul do Brasil como para melhor compreensão das variações do rótico na clínica fonoaudiológica.

## 2 METODOLOGIA

Para essa pesquisa foram determinadas variáveis dependentes e

independentes. Como variável dependente será considerada a realização da vibrante tepe em posição de ataque inicial e medial, contrapondo-se a outros tipos de realização: vibrante alveolar com fricção, vibrante alveolar ou fricativa velar. Como variáveis independentes serão consideradas as seguintes:

- a) Posição na palavra: inicial e medial.
- b) Contexto precedente: vogal coronal oral, vogal não-coronal oral, vogal nasalizada, lateral, fricativa e pausa.
- c) Contexto seguinte: vogal coronal e vogal não-coronal.
- d) Nasalidade do contexto seguinte: vogal nasal e vogal oral.
- e) Classe morfológica: palavras pertencentes à classe dos verbos e palavras não pertencentes à classe dos verbos.
- f) Tonicidade da sílaba: sílaba tônica e sílaba átona.

Instrumentos:

- a) Teste de coleta de fala (YAVAS; HERNANDORENA; LAMPRECHT, 1991)

Este teste foi utilizado somente para obter os dados dos informantes de Luzerna (SC), pois é um teste realizado com crianças.

O teste é constituído da nomeação espontânea dos desenhos de cinco figuras temáticas (zoológico, transportes, sala, banheiro e cozinha) pela criança, gravação em fita cassete e depois transcrição fonética dos dados.

Nesta pesquisa, foi utilizado gravador Panasonic e fitas cassete da marca Phillips.

- b) Pacote de Programas Varbrul

O Pacote Varbrul (PINTZUK, 1988), foi utilizado para ambas as análises de amostras de fala: Panambi (RS) e Luzerna (SC) .

### Procedimentos:

A amostra de fala dos informantes de Panambi (RS) foi transcrita foneticamente após escuta das fitas das entrevistas do Banco de Dados do Projeto Varsul.

A amostra de fala dos informantes de Luzerna (SC) foi obtida pelo Teste de Coleta de Fala, citado acima e, logo depois, transcrita foneticamente.

Ambas as amostras foram analisadas partindo-se das variáveis linguísticas. Cada palavra que apresentasse o contexto da variável dependente era selecionada e analisada via variáveis independentes.

Após análise das variáveis, os dados foram computados pelo Pacote de programas Varbrul que realizou a análise probabilística do efeito das variáveis sobre os dados.

## 3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A análise, bem como a discussão dos resultados, será apresentada em duas etapas: resultados referentes às variáveis independentes linguísticas e resultados referentes à aplicação da variável dependente na amostra da pesquisa.

### 3.1 Variáveis Independentes Linguísticas

A seguir são apresentadas as variáveis independentes linguísticas selecionadas pelo programa Varbrul, com seus respectivos valores.

#### a) Posição na palavra

A primeira variável a ser apresentada é a posição da vibrante na palavra em termos de posição medial, como em **correio**, e inicial, como

em **rato**. A suposição é que posições iniciais são mais perceptíveis que não-iniciais.

A posição favorecida é a medial, que se apresenta com o peso relativo de 0,55, contrapondo-se ao peso relativo de 0,47 da posição inicial. Os valores percentuais confirmam esses achados, apresentando 56% de ocorrência do tepe em posição medial de palavra e 51% de ocorrência do tepe em posição inicial da palavra.

b) Vogal no contexto seguinte

Neste item, considera-se a ocorrência da variável dependente antes de vogal coronal, como em **região**, ou não-coronal, como em **rua**. Supõe-se que segmentos vizinhos aparentados foneticamente possam exercer interferência um sobre o outro.

Conforme os resultados, a vogal frontal, indicada por coronal na linha de Clements (1995), favorece a realização do tepe (0,55) e as demais vogais, portanto, as posteriores (0,47), ficam em segundo lugar.

Os percentuais confirmam esses achados, apresentando 56% de realização do tepe antes de vogal coronal e 51% antes de vogal não-coronal. Parece, pois, que o condicionamento contextual tem um papel no uso dessa variante no *onset*, uma característica da fala representada na amostra.

Os resultados estão de acordo com a suposição inicial. O tepe que é coronal ocorre com mais peso e frequência diante da vogal coronal propriamente dita, indicando que essa exerce sobre o tepe certa atração, favorecendo a preservação do traço regional, pois, como vimos, estes informantes apresentam o tepe no *onset*, posição da vibrante forte.

O tepe é caracterizado pela articulação coronal [+ anterior], bem como das vogais anteriores, também caracterizadas por serem coronais (CLEMENTS; HUME, 1995). É essa similaridade que deve estar favorecendo a preservação do tepe no contexto CV.

A realização do tepe, ao invés da vibrante, portanto, parece ser favorecida quando precedida de uma vogal com mesmo *place* ou ponto de articulação

c) Nasalidade do contexto seguinte

O Programa também escolheu o contexto seguinte em relação à nasalidade, em que se põe o papel da vogal oral e vogal nasal em sílaba cujo *onset* é destinado à vibrante, como em **chimarrão** *versus* **churrasco**. A Tabela 1 apresenta os resultados que mostram o favorecimento da vogal nasal para a manifestação do tepe (0,61 x 0,49).

**Tabela 1** - Nasalidade do contexto seguinte

Fatores	Aplicação	%	Peso relativo
Oral	574/1111	52	0,49
Nasal	56/89	63	0,61
Total	630/1200	52	-

Fonte: Elaborada pela autora.

Input: 0,53

Significância: 0,034

Para Mattoso Câmara (1969), após vogal nasal (como em **honra**) sempre se realiza a vibrante forte, isso sustenta a hipótese de a vogal nasal em português ser VN tautossilábico. Todavia, papel semelhante não se espera para a vogal seguinte, pois, ao lado de **chimarrão** (vibrante forte), existe **cantarão** (vibrante fraca), em que a nasalidade não tem papel. Neste trabalho, no entanto, os resultados privilegiam o traço regional que, indubitavelmente, é um lídimo reflexo da interferência da língua dos antepassados, um dialeto alemão, ainda em uso pelos adultos bilíngues.

d) Tonicidade

Essa variável considera o papel dos fatores tonicidade (**rádio**) e

atonicidade (**carro**). Supondo-se que posições fortes, por serem mais evidentes, exibam em menor número o traço dialetal, a expectativa é ser a sílaba átona o contexto em que o tepe mais se manifesta.

A suposição é confirmada. A sílaba átona se apresenta com o peso relativo de 0,54, enquanto a sílaba tônica com o peso relativo inferior, 0,44. Os percentuais consagram esses resultados, apontando 57% de realização do tepe em sílaba átona e 46% em sílaba tônica.

Por conseguinte, como se esperava, o tepe acontece mais em sílaba átona, como em **carro** [ 'ka r o ] e **região** [ r e ži 'ãw ], do que em **rato** [ 'r a to ] e **carreta** [ ka 'r e ta ].

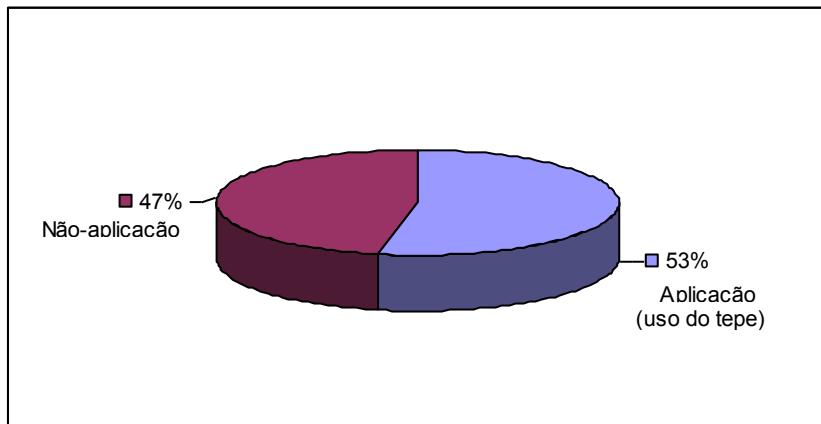
Dos resultados expostos, infere-se que o tepe é a variante de maior uso nas duas comunidades de origem alemã. Note-se, todavia, que a sílaba átona, a mais fraca, é o contexto em que, relativamente, mais aparece indicando, sutilmente, que os próprios falantes têm consciência de que se trata de uma variante marcada, identificada de sua origem e região.

### **3.2 Resultados referentes à variável dependente**

Além de apresentar e discutir os resultados referentes às variáveis independentes linguísticas selecionadas pelo programa VARBRUL, também é interessante apresentar e discutir os resultados referentes à variável dependente – o tepe. Dessa forma, a amostra foi analisada de forma binária: variável dependente ‘tepe’, a que foi atribuído o valor 1 (aplicação da variável dependente), *versus* os outros tipos de realização da vibrante. Esses receberam o valor de aplicação zero, pois constituíam a não-aplicação da variável dependente.

O gráfico da Figura 1 apresenta o valor total de aplicação na amostra *versus* a não-aplicação da variável dependente.

**Figura 1** - Gráfico de aplicação e não-aplicação no total da amostra (Panambi + Luzerna)



Fonte: Elaborada pela autora.

De acordo com esse gráfico, houve 53% de realização da variável dependente (tepe) e 47% de não-realização, revelando que os falantes da pesquisa (Panambi + Luzerna) utilizam mais o tepe em posição CV. Ao invés de utilizarem a vibrante forte em **rato**, utilizam o erre fraco, semelhante ao do grupo consonantal **cravo**. Essa era a hipótese inicial do trabalho baseada em Ramos e Rigatti (2000), que constatava a substituição do ‘r forte’ pelo tepe em crianças descendentes de alemães e italianos. A presente pesquisa vem, portanto, confirmar esses achados.

Esse tipo de realização, a qual caracteriza uma variação do ‘r’ em falantes expostos a outros dialetos, também foi verificado no trabalho de Marquardt (1977) que encontrou a realização de um ‘r’ *flap* em posição CV em bilíngues de Veranópolis e Lajeado que não é de uso geral no Português do Brasil e não foi prevista na descrição de Mattoso Câmara Jr. (1969), que afirma que a vibrante em português pode ser realizada por batidas da língua junto à arcada superior, vibração do dorso da língua junto ao véu palatino, tremulação da úvula,

ou fricções de ar na parte superior da faringe, porém nunca pela utilização do /r/ brando (utilização do ápice da língua). O /r/ brando ou tepe pode ocorrer entre vogais (como oposição no contraste **caro/carro**), em posição de coda e em *onset* complexo ‘pr’, ‘tr’, por exemplo.

Bonet e Mascaró (1996), estudando os róticos das línguas ibéricas, especialmente o espanhol e o catalão, referem a inexistência do *flap* em início de palavra: “De fato, não há palavras começando por flap em nenhuma língua considerada” (BONET; MASCARÓ, 1996, p. 9-10, tradução minha)<sup>2</sup>.

Nessas línguas, é o *trill* que ocorre no início de palavra. No português do Brasil, nesta posição, há variação entre eles, podendo ocorrer o *trill* e a fricativa velar.

Alguns achados da realização do ‘r’ como *flap* em CV são referidos por Hennes (1979) que investigou a influência fonológica do dialeto alemão no português em falantes bilíngues português-alemão. A autora refere que há diferenças fonológicas expressivas entre o dialeto alemão e o português, entre elas, um aspecto importante é que, no alemão, o ‘r’ mais utilizado é o /R/ uvular e o *flap* /r/ não faz parte do conjunto de alofones dos ‘rs’ do alemão. Porém, quando esse dialeto entra em contato com o português, o *flap* aparece no inventário sendo substituído pelo ‘r’ forte. Isso pode ser entendido como uma transferência negativa de traços da matriz fonológica do dialeto alemão para o português. Os traços sonoro x surdo e vibrante x não-vibrante, no alemão, não são distintivos e podem causar a troca dos fonemas envolvidos. Isso torna possível, então, justificar o uso do tepe (não-vibrante) ao invés da vibrante alveolar (mais vibrante) ou fricativa velar em falantes bilíngues português-alemão.

---

<sup>2</sup> No original, leia-se: “The fact is, however, that there are no words starting with a flap in any of the languages considered.”

Da mesma forma, os falantes de Panambi (RS) e Luzerna (SC) caracterizam-se por apresentar uma realização de 'r' diferente da esperada no português brasileiro, porém esperada no processo de bilinguismo ou contato com outra língua.

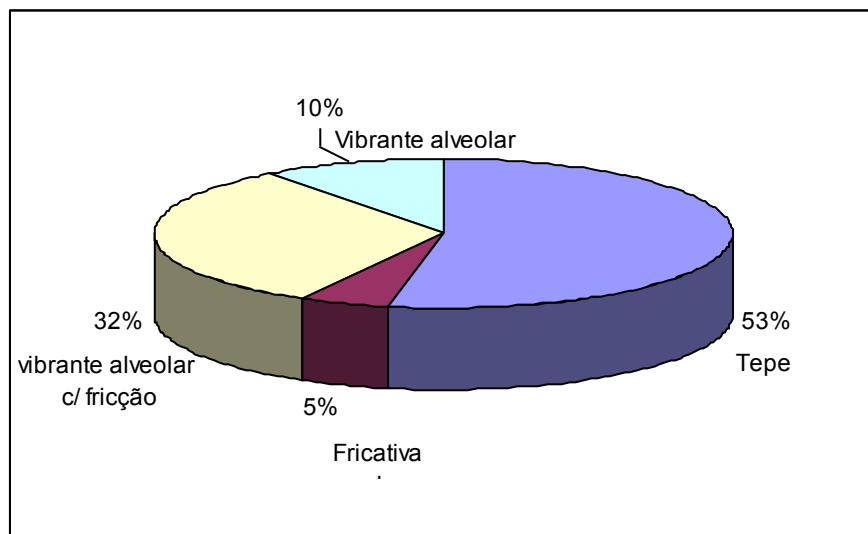
Há evidências, portanto, da influência do dialeto alemão no português dos indivíduos dessa pesquisa na realização do tepe ao invés da vibrante.

Até o momento, os dados foram analisados conforme a amostra total. Se os dados forem analisados por região pesquisada, os resultados mostram que houve 52% de realização do tepe em início de sílaba na amostra de Panambi (RS) (adultos de 30 a 75 anos), enquanto na amostra de Luzerna (SC) (crianças de 06 a 11 anos) houve 48%. Ambas as regiões são de colonização alemã, todavia, os resultados revelam que há maior número de substituições da vibrante pelo tepe na amostra de Panambi (RS), a qual é constituída por adultos de 30 a 75 anos (faixa 3 e 4). Isso pode ser explicado pelo fato de que os falantes de Panambi (RS) são bilíngues português-alemão, isto é, fazem uso das duas línguas em contato, e as crianças de Luzerna (SC) somente são ouvintes do dialeto alemão, não têm uma participação direta, privilegiando o português brasileiro no seu dia a dia. Outra justificativa, apresentada por Vieira (2001) no XII Encontro Regional do Projeto VARSUL, é a diferença da formação do povo de Panambi (RS) e Luzerna (SC). Gomes refere que Panambi (RS) é um município de colonização alemã pura, isto é, há pouca influência de outros povos europeus na língua e cultura. Já a região de Luzerna (SC) é caracterizada pela mistura de algumas etnias, como italianos, açorianos, alemães, prevalecendo os alemães. Essa característica encontrada em Luzerna (SC) pode estar interferindo no processo de influência dialetal, que recebe outras contribuições étnicas. Por conseguinte, Panambi (RS) pode ser considerada uma região que

apresenta falantes de português que sofrem influência específica do dialeto alemão, enquanto Luzerna pode não sofrer influência única do dialeto alemão, mas também algumas contribuições de outros dialetos.

O gráfico da Figura 2 apresenta o total de realizações da vibrante na amostra, incluindo a variável dependente, o tepe.

**Figura 2** - Gráfico do total de realizações do 'r' na amostra



Fonte: Elaborada pela autora.

Observa-se que a realização do tepe [ r ] é a mais frequente, atingindo 53% da amostra. Em seguida, ocorre a vibrante alveolar com fricção [ r̪ ] em 32% e a realização da vibrante alveolar [ r ] em 10% da amostra. A realização menos frequente é a fricativa velar [ x ], em apenas 5% da amostra. O que predomina, portanto, é a realização do tepe.

#### 4 CONCLUSÃO

Constatou-se, ao final da pesquisa, que a realização mais encontrada no total da amostra foi o tepe, perfazendo 53%, levando a

crer que isso seja consequência da interferência do dialeto alemão.

Entre as variáveis relevantes selecionadas pelo Pacote de Programas Varbrul, salienta-se o papel da posição da palavra, indicando que há preferência pelo uso do tepe em posição medial e que esse contraste é ainda a grande aquisição a ser feita. Há preferência também pelo uso do tepe em sílaba átona, indicando que há certa consciência da marca nos indivíduos, pois nessa sílaba onde os segmentos são menos salientes o tepe ocorre mais.

Os resultados desta descrição deixam explícito que comunidades de colonização alemã têm marcas linguísticas que precisam de um condicionamento especial da parte de professores ou fonoaudiólogos.

## REFERÊNCIAS

BONET, E.; MASCARÓ, J. **On the representation of contrasting rhotics**. Unpublished ms. Universidade Autônoma de Barcelona, 1996.

CLEMENTS, G. N.; HUME, E. V. The internal organization of speech sounds. In: GOLDSMITH, John (org.) **The handbook of phonological theory**. London: Blackwell, 1995.

LABOV, W. **The social stratification of English in New York**. Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics, 1966.

MATTOSO CÂMARA JR., J. **Problemas de lingüística descritiva**. Petrópolis: Vozes, 1969.

MARQUARDT, L. L. **A vibrante no Rio Grande do Sul – Uma análise computacional**. 1977. 91f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1977.

PINTZUK, S. **VARBRUL programs**. 1988. 40f. [mimeo].

RAMOS, A. P. F.; RIGATTI, A. P. **Aquisição das líquidas em crianças normais de 2 anos e 6 meses a 5 anos no dialeto de Joaçaba-SC e regiões próximas**: o caso especial dos róticos. 2000. 132f. Trabalho de Conclusão (Graduação em Fonoaudiologia) – Curso de Fonoaudiologia, Universidade Luterana do Brasil, Canoas, 2000.

YAVAS, M.; HERNANDORENA, C.; LAMPRECHT, R. **Avaliação fonológica da criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

*Recebido em 17/02/2013*

*Aprovado em 12/03/2013*